

“Escreva dizendo que é mentira morte de maridinho. Loreta.” As mãos do sertanista Francisco Meireles tremem, ao exibir o telegrama da mulher do repórter Possidônio Bastos, cujo corpo foi encontrado às margens do rio Roosevelt, num subpôsto da Funai



Francisco Meireles, 64 anos de idade, 36 a serviço do índio. A direita, um Cinta-Larga.



A SELVA AINDA GUARDA O SEGRÊDO DO MASSACRE

POSSIDÔNIO

MORREU POR AMOR

AOS INDIOS

Texto de FERNANDO PINTO
Fotos de EME NASCIMENTO

“E screva dizendo que é mentira morte de maridinho porque agora vou partir para junto dèle. Abraços.

Loreta”

As mãos do sertanista Francisco Meireles tremem quando êle exhibe o telegrama da mulher do repórter Possidônio Bastos, cujo corpo putrefato foi encontrado às margens do rio Roosevelt no dia 22 de novembro, admitindo-se que tenha sido flechado pelos índios Cinta-Larga no dia 15 ou 16, justamente quando o subpôsto de atração do Roosevelt deixou de se comunicar pelo rádio com o Pôsto 7 de Seiebro, da Funai, no Parque do Aripuanã, onde vivem cêrca de 5 mil índios nas proximidades da divisa de Mato Grosso e Rondônia.

— Dona Loreta não quer acreditar, mas infelizmente Possidônio morreu — diz Meireles — justamente êle que amava tanto os índios.

Francisco Meireles já deu mais da metade de sua vida aos índios. Êle tem 64 anos de idade, 36 dos quais dedicou ao serviço público na selva. Como tão longo sacrifício conia tempo dobrado para efeito de aposentadoria, Chico já podia estar descansando há muito tempo com vencimentos integrais, mas ainda continua teimosamente na ativa. Hoje ocupa a importante função de delegado da 8ª Inspecoria Regional da Fundação Nacional do Índio, no Território Federal de Rondônia. O velho sertanista só não está totalmente feliz porque é obrigado a ficar a maior parte do tempo sentado diante de uma mesa na pequena sala do velho casarão amarelo da Funai, localizado numa rua central de Pôrto Velho.

— Preferia estar ao lado de Possidônio na ocasião em que êle foi atacado. Não sei se teria evitado a sua morte, mas eu teria feito qualquer coisa por êle, pois eu o amava tanto quanto amo meu filho Apoema, que também era muito seu amigo.

Os olhos cansados de Chico Meireles se enchem de lágrimas ao relembrar a figura de Possidônio Bastos, o jovem que abandonou o jornalismo para se dedicar aos índios.

— Êle um dia veio fazer uma reportagem aqui e aí se apaixonou pela selva. Isso aconteceu há mais ou menos um ano. Depois êle veio para nunca mais voltar ao Sul e agora vinha também sua mulher Loreta, que mora no Rio.

POR QUE NÃO É FÁCIL SER SERTANISTA

Ê preciso ressaltar que há uma ordem do presidente da Funai proibindo qualquer tipo de entrevista a jornalistas e o acesso de pessoas estranhas à área dos acontecimentos que culminaram com a morte de Possidônio, além do desaparecimento da índia Arara Maria Agamenon e do telegrafista Acrísio Camilo Lima, que também trabalhavam no subpôsto de atração do Roosevelt. Francisco Meireles mostra o rádio de Brasília e justifica com delicadeza “por que não pode falar com repórter”. Mas seu coração é ingênuo como o de um índio, por isso êle continua conversando no melhor tom de entrevistado.

— O jovem Possidônio era muito querido por todos, particularmente pelos índios do Parque do Aripuanã. Seu corpo, mesmo putrefato, foi carregado com carinho nos braços dos que o encontraram, que tiveram de caminhar pela selva durante bastante tempo até enterrá-lo no campo de pouso do rio Roosevelt. E não foram poucas as lágrimas que regaram a estranha morte de meu jovem amigo Possidônio Bastos.

Enquanto não forem recolhidas tôdas as provas, será prematuro tentar explicar por que, como e por quem Possidônio foi barbaramente trucidado. Sobre a versão de que o jornalista foi morto por civilizados, também é cedo para se fazer comentário, muito embora todos êsses detalhes estejam sendo investigados pelas autoridades da 8ª Inspecoria Regional da Funai, já agindo com a devida cautela na área vizinha ao rio Roosevelt. Todo cuidado será pouco para evitar um possível atrito com os belicócos Cinta-Larga, pois o lema do pessoal da Funai é “Morror se preciso fôr, matar, nunca!”, legado por Rondônia.

MASSACRE É FATO COMUM NA SELVA

No relatório que enviou ao general Bandeira de Mello, presidente da Funai, o sertanista Francisco Meireles presta contas das providências que estão sendo tomadas para apurar o massacre do

Em tôda a região onde habitam — Mato Grosso e Rondônia — os Cinta-Larga são mais de cinco mil

subpôsto de atração do rio Roosevelt, lembrando que esta não foi a primeira e não será a última demonstração da belicosidade dos índios, que às vêzes matam inocentes por causa da ganância de seringalistas e garimpeiros, assassinos e invasores que dificultam ainda mais o já difícil trabalho dos homens da Funai.

— Em 1941, fui chamado para substituir o saudoso sertanista Pimentel Barbosa, trucidado juntamente com a sua comitiva pelos então ferozes Xavantes da serra do Roncador.

Quanto aos índios Ikorem, mais conhecidos como Cinta-Larga, constituem-se em vários grupos, num total aproximado de cinco mil silvícolas que habitam esparsamente os 32.000 km² do Parque Aripuanã juntamente com outros cinco mil das tribus Suruí, Araras e Gaviões, num total aproximado de 10 mil índios e 21 aldeamentos. Há cêrca de três anos trabalhando junto a êsses grupamentos silvícolas, o pessoal da Funai conseguiu a façanha de trazer a Pôrto Velho dois guerreiros Cinta-Larga, que mantiveram encontro oficial com o governador do Território Federal de Rondônia. Posteriormente, foi instalado o subpôsto de atração do rio Roosevelt, para onde foi deslocado o ex-jornalista Possidônio Bastos, o telegrafista Acrísio Camilo Lima, a índia Arara Maria Agamenon, que funcionava como cozinheira, e mais quatro trabalhadores braçais.

MORTE CONTINUA EM MISTÉRIO

Quase diariamente Possidônio Bastos se comunicava pelo rádio com seu amigo Apoema Meireles, filho de Francisco Meireles, chefe do Pôsto 7 de Setembro, sede da Funai no Parque do

Aripuanã. Vocacionado para lidar com índios, tanto que trocou o jornal pelo sertão, Possidônio conseguiu conquistar a simpatia de inúmeros silvícolas do Aripuanã, inclusive dos temidos Cinta-Larga. Em setembro último, quando viajou de férias para o Rio, recebeu a honrosa escolta de 17 guerreiros índios, que o levaram pela selva até o campo de pouso de Roosevelt, onde hoje está enterrado. Mesmo admitindo a hipótese de que Possidônio tenha sido morto pelos Cinta-Larga, Francisco Meireles diz que da última vez, em visita à área do Aripuanã, percebeu a hostilidade de alguns grupos.

— Êles também têm os seus partidos subversivos, e é possível que êstes índios rebeldes tenham atacado o subpôsto do rio Roosevelt. Por enquanto, porém, tudo é mistério.

Quem deverá trazer a resposta do quebra-cabeças é o sertanista Apoema Meireles, que se embrenhou na mata para encontrar uma pista que explique a morte misteriosa de seu amigo Possidônio Bastos. Uma das chaves do quebra-cabeças se relaciona a dois fatos estranhos: os corpos da índia e do telegrafista ainda não foram encontrados, por isso não podem ser dados como mortos; e a “sorte” dos quatro trabalhadores braçais do subpôsto do Roosevelt, que escaparam pela “coincidência” de dois dêles terem ficado doentes e os outros dois deixarem o rio Roosevelt para transportar os companheiros atacados de malária. O sertanista Francisco Meireles, que está com a saúde bastante abalada com a morte de Possidônio, tem certeza de que seu filho Apoema vai trazer uma resposta da selva.

— De qualquer forma, Possidônio morreu por amor aos índios.

